



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

JANAINA JUSTINO MARQUES

**SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES DE
PROFESSORAS NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB**

**CAMPINA GRANDE-PB
2014**

JANAINA JUSTINO MARQUES

SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES DE PROFESSORAS
NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador (a): Prof^a Ms. Livânia Beltrão Tavares.

CAMPINA GRANDE-PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

J357s Marques, Janaina Justino.

Sexualidade na educação infantil [manuscrito] : concepções de professoras no município de Campina Grande-PB / Janaina Justino Marques. - 2014.

31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Livânia Beltrão Tavares, Departamento de Educação".

1. Educação Infantil. 2. Sexualidade Infantil. 3. Educador. I.
Título.

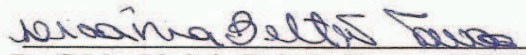
21. ed. CDD 372.372

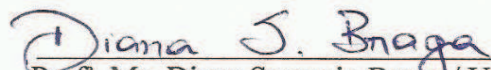
JANAINA JUSTINO MARQUES

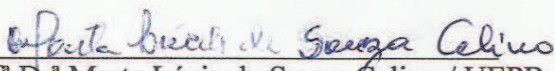
SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES DE PROFESSORAS
NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Bacharel/Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em 20/02/2014.


Profª Ms. Livânia Beltrão Tavares/UEPB
Orientadora


Profª Ms. Diana Sampaio Braga/UEPB
Examinador


Profª Drª Marta Lúcia de Souza Celino /UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Á Deus, pela graça de ter me permitido concluir este trabalho e a
todas as crianças...

AGRADECIMENTOS

À **minha vó**, por sempre ter sido minha referência e meu maior exemplo.

À professora **Livânia Beltrão** pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Às amigas **Raiza Lira, Maria Cecília e Maria José** pelo apoio e por estarem comigo ao longo dessa jornada.

À **Sergio (touro)** pelas conduções sempre que precisei.

Aos funcionários da UEPB, **Epitácio e Vera**, pela presteza e atendimento quando foi necessário.

Resumo

A infância é um período onde acontecem as primeiras manifestações a respeito da sexualidade, como também acontecem as primeiras trocas de experiência entre as crianças na Educação Infantil. O propósito deste trabalho é analisar quais são as concepções sobre sexualidade infantil das professoras da Educação Infantil e identificar as dificuldades encontradas por estas. Para tal utilizou-se como aporte teórico Freud (1996), Foucault (1988), RCNEI (1988), além de outras bases legais do uso da temática nos currículos nacionais. A pesquisa tem caráter qualitativo, possibilitando uma maior apropriação dos resultados obtidos, sendo utilizado como instrumento um questionário com 10 professoras que atuam na Educação Infantil em duas escolas da rede privada de ensino do município de Campina Grande, com o qual se pode concluir que as educadoras ainda associam a sexualidade apenas ao fator biológico, elas ainda consideram o trabalho com a temática difícil, mas importante no sentido de buscar uma boa relação entre família e escola.

Palavras-chave: Professoras. Criança. Sexualidade Infantil. Educação Infantil.

Abstract

Childhood is a period when the first manifestations about sexuality and exchanges of experience among children in kindergarten occur. The purpose of this work is analyze what are the kindergarten teachers conceptions of childhood sexuality and identify the difficulties encountered by them. We used, as a theoretical contribution, Freud (1996) , Foucault (1988) , RCNEI (1988) , and in addition, other legal bases of the use of the theme in national curriculum. The research is qualitative, enabling a greater ownership of the results. A questionnaire and was used, as a survey instrument, that was answered by 10 teachers who work in two Early Childhood Education private schools in the city of Campina Grande. The research concluded that the educators still associate sexuality only to biological factors, and consider this subject difficult to work with but that it is important in seeking a good relationship between family and school.

Keywords: Teachers. Child. Child sexuality. Early Childhood Education.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.....	8
1 A CRIANÇA, O CORPO E A SEXUALIDADE	9
1.1 As contribuições de Freud para o estudo da sexualidade infantil.....	11
1.2 A construção da sexualidade na teoria foucaultiana	13
2- EDUCAÇÃO INFANTIL, ESCOLA E SEXUALIDADE.....	15
2.1 Procedimentos metodológicos.....	19
2.2 Análise e discussão dos dados.....	21
3- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
APÊNDICES.....	31

Introdução

A infância é um período onde acontece a construção da identidade humana, da descoberta de si como um ser inserido numa cultura. É nesse espaço de desenvolvimento que ocorrem as primeiras descobertas em relação ao mundo, fazendo parte da construção social.

É nesta fase que a criança começa ter os primeiros questionamentos acerca do seu corpo, como também aprende a se conhecer pelo toque, o que não deve ser recriminado ou ignorado pelos pais, pois a criança não entenderá o porquê da situação. A sexualidade infantil está ligada ao desenvolvimento das primeiras experiências e descobertas do corpo, próprios da infância, que dependem de uma orientação familiar e escolar sobre a natureza do seu corpo e as mudanças que ocorrem ao passar dos anos. Portanto para construção do conhecimento sobre sexualidade na criança, é fundamental que pais e educadores estejam esclarecidos que o ato sexual diferencia-se da sexualidade, ela por sua vez é um campo muito abrangente e pouco explorado, engloba as questões de comportamento, corpo, personalidade embasadas em teorias do comportamento humano.

A sexualidade na escola apresenta-se como um desafio para a prática pedagógica e educativa de professores e professoras, pois ao entrar na escola a criança já traz consigo todo comportamento advindo do seu ambiente sociofamiliar; irá interagir com outros sujeitos (crianças) de outras naturezas familiares, trocando nessas relações influências a respeito de sua construção social.

Na educação infantil não é diferente, a criança também já apresenta na escola seus comportamentos frente à sexualidade; alguns, muitas vezes reprimidos, porque foram ensinados que o toque sobre si é uma coisa feia, e também chegam cheios de dúvidas, uma vez que as respostas nem sempre foram dadas como se eles ainda não tivessem maturidade para entender. Por estes e outros motivos, o debate sobre o tema sexualidade da criança ainda é um tema tabu, tanto na escola como no ambiente familiar, devido à crença de que a educação sexual estimula o sexo.

Este trabalho tem como objetivos entender as concepções de docentes da Educação Infantil sobre essa questão, pois por mais que a sexualidade infantil já venha sendo discutida nas escolas, percebe-se uma timidez ao se abrir um debate com

professores da área, considerando muitas vezes que os cursos de formação docente não preparam de fato educadores para lidar com a temática. Mesmo com as dificuldades, o educador tem um papel importante na formação das crianças, pois as mesmas encontram-se na sala de aula com seus valores, curiosidades e sentimentos, sendo quase impossível não defrontar-se com as perguntas e atitudes sobre a sexualidade na Educação Infantil.

Esse debate é mais amplo quando não é apenas a sexualidade infantil como descoberta do corpo, mas atualmente questões como violência sexual infantil, masturbação, erotismo e outros que estão adentrando cada vez mais o espaço escolar, o professor (a) conhecendo melhor o tema terá capacidade de refletir sobre o assunto, tendo subsídios teóricos e práticos para contribuir para que as crianças se tornem futuramente adultos informados e seguros. O educador (a) deve pedir auxílio à equipe docente e pedagógica da escola, pois ele (a) não está só nesse processo, todos dentro do ambiente escolar têm responsabilidade de conhecer o seu aluno, intervir quando for necessário, por mais que se tenham dificuldades. A tarefa também é aproximar os pais, ou responsáveis à escola para um trabalho conjunto mais significativo, sem constranger a criança. Esse desafio, sem dúvidas, é um dos maiores, pois ao mesmo tempo deve-se preservar a intimidade da mesma.

A criança, o corpo e a sexualidade

Desde os primeiros meses de vida, a criança explora o prazer do seu corpo no contato com o seio materno (o ato de mamar) e chupando os dedinhos. Com o passar dos primeiros anos, a criança sente o prazer no toque sobre si, ela começa a perceber as diferenças do corpo da menina e do menino, gerando assim questionamentos, causando certo constrangimento aos adultos. O contato da mídia influencia no sentido de expor a sexualidade e a relação: o que é ser menino? O que é ser menina? Tais perguntas estão explícitas tanto no ambiente familiar como no escolar.

Assim como outros momentos da vida o conhecimento do corpo tem hora pra acontecer, as crianças começam a sentir prazer ao se tocar e descobrir suas zonas sensíveis. Brincar com o órgão genital não é nada de anormal, enquanto processo de

descoberta de si, o que deve ser explicado à criança é que estes comportamentos devem ser em ambientes particulares, não podem acontecer na qualquer hora e lugar.

O corpo é a matriz da sexualidade, porém o significado desta vai além dos aspectos biológicos, está voltado para uma construção social, amplamente abrangente que raramente se encaixa em uma definição única, lembrando que nem sempre as pessoas conseguem entender tal questão, dessa forma continuam leigos acreditando apenas no fato da sexualidade determinar-se ao biológico o que não necessita necessariamente estar ligado a este aspecto, pois a busca do prazer envolve não só o corpo, mas outras vertentes pertinentes a cada um. Esse termo remete a algo muito singular e pessoal, pois em cada pessoa (no caso criança) manifesta-se de forma diferente de acordo com sua experiência vivenciada.

Há diversas abordagens do tema, dependendo do lugar e cultura, em um lugar pode ser tratado de forma preconceituosa, em outros se encontra uma discussão mais aberta e assim por diante, desse modo é imprescindível na Educação Infantil a própria compreensão e aceitação do professor (a) de sua própria sexualidade, o esclarecimento e pesquisa sobre o assunto ajuda a tirar suas dúvidas como estar seguro quanto à curiosidades que irão surgir no contexto escolar, gerando um ensino positivo e adequado.

A questão da sexualidade perpassa questões de gênero, os padrões definidos para o feminino e masculino na qual são referências para a construção da identidade da criança.

O contexto social, ao construir o que é próprio do sexo (menino ou menina), inventa os atributos de gênero (masculino ou feminino). Essa construção cultural geralmente é limitada e engessa o aprendizado das crianças, sobretudo quando nós, professoras e professores, nos apegamos às construções rígidas de gênero, considerando não adequado que meninos brinquem de casinha, por exemplo. (FURLANI, 2011, p.69)

As marcas culturais estão impressas de forma natural no modo como a criança realiza suas ações, brincadeiras, higiene, carinho, etc. De fato, é notável no interior de escolas meninos e meninas agrupadas de formas distintas, conforme critérios previamente definidos, por exemplo, as meninas são mais frágeis, os meninos fortes, entre outras características que a sociedade rotula.

As contribuições de Freud para o estudo da sexualidade infantil

Não se pode negar que a sexualidade é um conceito fundamental da Psicanálise, conceito muitas vezes desconhecidos por professores (as) que nos cursos de formação obtiveram conhecimento forçoso nesse campo. Mas partindo para o teórico fundador dessa corrente, Sigmund Freud (1856-1939) que com seus estudos sobre o comportamento humano buscou na infância explicações para tal. Seu conceito clássico sobre sexualidade infantil está definido nos *três ensaios sobre a sexualidade*, vejamos:

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições da vida sexual. Um estudo aprofundado das manifestações sexuais da infância provavelmente nos revelaria os traços essenciais da pulsão sexual, desvendaria sua evolução e nos permitiria ver como se compõe a partir de diversas fontes. (FREUD, 1996, p.163)

Essa concepção de Freud a respeito da sexualidade infantil causou um espanto na sociedade conservadora do século XIX, visto que até então a criança era considerada símbolo de inocência, pura, um ser assexuado. Freud também, nesse sentido, teceu uma crítica às concepções que a medicina havia estabelecido a respeito do instinto sexual humano.

Para compreender melhor, começaremos falando sobre a libido, ou seja, o impulso ou energia do desejo, resultando nas inibições e no qual muitas vezes é reprimido, porém a libido está também para os fatores psicossociais e construção de nossa personalidade, por isso sua importância no desenvolvimento das crianças, segundo Nunes e Silva (2006,p.49) “estas transformações da sexualidade infantil, significam que a criança é um ser em desenvolvimento, sendo preciso observá-la e respeitá-la”, os autores ainda enfatizam (p.46) “Freud foi o pioneiro, ao consolidar com naturalidade os efeitos e atos sexuais da criança, a exemplo da ereção, masturbação ou mesmo simulações sexuais”.

É no contexto do desenvolvimento psicosssexual que Freud descreveu cinco fases: oral, anal, fálica, latência e genital. Refere-se aqui às fases correspondentes a Educação Infantil, objeto de estudo.

Freud (1996) vem abordando de uma forma mais abrangente tais fases de desenvolvimento, tentando explicar seu pensamento aqui:

Na fase oral (0- 1 ano aproximadamente) a região da boca é o principal órgão de prazer da criança, é por este órgão que ela entra em contato com o mundo, por isso é comum nessa fase chupar o dedo, os objetos que o bebê pega e leva à boca, além destes outra fonte de desejo é o seio da mãe, que o alimenta e proporciona satisfação.

Fase anal (1 a 3 anos aproximadamente), onde a criança começa a ter suas primeiras noções de higiene, retenção e expulsão de fezes, ou seja, está voltado para o funcionamento anal.

Fase fálica (3 a 7 anos aproximadamente), onde a criança começa a descoberta dos órgãos genitais, essa fase é denominada fálica, uma vez que a criança percebe seu pênis ou se dá conta da falta de um, etapa essa em que a criança se torna consciente das diferenças sexuais. O complexo de Édipo é uma característica dessa fase, conhecido pelo conflito que a criança passa, o menino apresenta atração pela mãe e na menina acontece o contrário, a atração acontece pelo pai. É nesse momento que começa o desenvolvimento moral e a criança passa a se adaptar às regras sociais.

Outro conceito que Freud (1996) aborda é a amnésia infantil, que gera um esquecimento parcial da criança por volta dos seis ou oito anos de idade, o aparelho psíquico oculta as impressões e informações que muitas vezes são frustrantes à criança, causando lacunas na percepção da sexualidade.

As contribuições deste teórico são muito amplas e fundamentais para reflexões da sociedade, pais e educadores, o objetivo aqui não é apenas a descrição do seu pensamento, mas tomá-los como base para mostrar a tão relevância que conceitos de Freud têm para analisar a sexualidade infantil, haja vista as transformações e o desenvolvimento da criança são fatos a serem observados, respeitados e principalmente bem explicados para futuramente ela não se torne um adulto frustrado em relação à vivência de sua sexualidade.

Para que não caiamos no simplismo, entenderemos a diferença entre sexo e sexualidade. Compreendamos a partir de Nunes e Silva (2006, p. 74)

É possível entender sexo como a marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana como animal, já a sexualidade é um conceito cultural, constituído pela qualidade, pela significação do sexo.

Através da definição desses autores, podemos compreender que sexo e sexualidade são características desenvolvidas pela condição biológica, histórica e cultural do homem, mas trazendo esse para a sexualidade infantil, é necessário ampliar o conceito para uma dimensão significativa, ou seja, fundamentar melhor o desenvolvimento sexual da criança, a fim de compreender as manifestações e outras dimensões (como curiosidade, religião, família etc.) que estão intimamente envolvidas na formação da criança.

A construção da sexualidade na teoria foucaultiana

Michel Foucault (1926-1984) no primeiro volume da História da Sexualidade, aponta que, com as mudanças no comportamento da sociedade, novos temas, principalmente a sexualidade fossem confiscados, assim:

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se escala (FOUCAULT, 1988, p. 9).

Nesse sentido, a função da sexualidade é apenas procriação, agora a ideia sobre o corpo e sexualidade eram de domínio das instituições, assim, segundo Lima Júnior (2010,p. 153)

Foucault situou a sexualidade como um dispositivo de poder em vigor na sociedade ocidental. Trata-se de delimitação de um campo de conhecimento, constituindo-se em um aparato discursivo de um regime de verdade.

Partindo dessas considerações, podemos entender que a sexualidade estava privada do indivíduo, o mesmo devendo seguir o que era socialmente aceitável à sociedade e às instituições religiosas da época, as pessoas poderiam falar sobre sexo na confissão, mas vale ressaltar que essa também era uma falsa forma de libertação, ou seja, era uma libertação manipulada.

Em Foucault (1988) estão presentes duas formas para o saber sexual: são a *ars erótica* e a *scientia sexualis*. Por *ars erótica* ele afirma

Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação

a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e, portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. (FOUCAULT, 1988, p.65)

Assim a arte erótica é um saber prático, extraído do próprio prazer ele não se constitui como lei (onde há certo e errado) está voltada para um campo de bem estar do corpo e alma. Um exemplo mais claro de cultura que detiveram esses ritos é a Grécia e Roma clássica, já nossa civilização criou a *scientia sexualis*, na qual Foucault (*apud* SOUZA,1997) diz que ele

Entende uma forma de saber desenvolvida a partir do século XVIII graças a nascente fisiologia da reprodução e ao saber médico. Significa uma progressiva apropriação da sexualidade e de sua normatividade pelo discurso científico.

Dessa forma, a *scientia sexualis* produziu uma verdade sobre a sexualidade, mas mesmo com essas considerações, a sexualidade ainda está aquém de se constituir uma preocupação social da época.

Diante de tais explicações vimos que a sexualidade estava confiscada, o que leva a remeter a seguinte questão: Qual o lugar da criança nesse discurso?

As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não tem sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. (FOUCAULT, 1988, p.10)

Nota-se que a sexualidade infantil foi negada, pois as crianças eram vistas como serem assexuados, não havendo espaço para que a criança conhecesse seu corpo ou expressasse algo do tipo. Talvez essa ainda seja uma herança histórica, que nos dias atuais o diálogo sobre a sexualidade infantil seja inflexível e muitas vezes temido entre professores (as) da educação infantil.

Educação infantil, escola e sexualidade

Para que se possa falar em sexualidade na Educação Infantil, é preciso compreender o contexto desta etapa da educação, vejamos o que é proposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no art. 29: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Se a finalidade é o desenvolvimento pleno da criança, nesta se encontra a importância dessa etapa na vida de uma pessoa, as experiências proporcionadas na Educação Infantil, se bem trabalhadas, desenvolvem todo o aprendizado cognitivo, motor e social, contribuindo para as primeiras competências necessárias às transformações futuras infantis. A construção da identidade e da autonomia é primordial na Educação Infantil, pois esta sendo um processo contínuo já ensina a criança o desenvolvimento autônomo de suas atividades, momento em que também cabe a construção da sexualidade no ambiente escolar e familiar, pois as relações sociais, junto com as afetivas, devem estar em paralelo com as outras instâncias da vida da criança; como tratou a LDB essa ação é complemento da família e comunidade, cabendo aos educadores a possibilidade, através de um trabalho coletivo de proporcionar momentos de reflexão e autoconhecimento para uma melhor forma de orientação e educação sexual na infância, esta é uma forma de tratar com respeito aquilo que é imprescindível à criança saber.

Sempre ao se adentrar na sala de aula surgem os questionamentos, o conflito interior de como conversar com a criança sobre sexualidade, pois ainda prevalece a ideia que a criança é pequena para compreender tais esclarecimentos. Por outro lado, sabe-se que passar por essas experiências é fundamental para o desenvolvimento infantil, mesmo ainda sendo negligenciada pelos profissionais da educação.

A escola querendo ou não, depara com situações nas quais intervém. Seja no cotidiano da sala de aula, quando proíbe ou permite certas manifestações e não outras, seja quando opta por informar os pais sobre manifestações de seu filho, a escola está sempre transmitindo certos valores, mais ou menos rígidos, a depender dos profissionais envolvidos naquele momento. (BRASIL, 2000, p. 113).

Sabendo que a criança, ao chegar à escola, traz consigo todas as relações e valores do espaço vivido, principalmente o familiar, é nesse espaço onde a criança aprende com maior ou menor intensidade as primeiras noções da sexualidade na infância.

Podemos, como educadores, aproveitar a curiosidade natural da criança para conversar, ela não tem nada de malícia, apenas o despertar da sexualidade faz parte de seu desenvolvimento saudável e de sua personalidade, ou seja, uma necessidade básica que não pode ser separado dos outros aspectos da vida, ela influencia o pensamento, sentimentos, ações e interações.

A curiosidade e a percepção fazem com que a criança perceba no seu corpo e no outro as diferenças, assim para entender elas procuram sentir através de carícias o prazer do corpo. Quando essas informações e curiosidades não são saciadas, elas entram em ação em frente aos colegas, caso não resolvido pelos educadores em sala geram dúvidas ainda maiores podem surgir. Portanto, o professor (a) deve rever seus conceitos e posturas sobre a sexualidade, possibilitando o esclarecimento maior para que em sala ele (a) tome medidas mais abertas em relação a observar, ouvir e explicar para as crianças, sendo essencial neste momento estar atento (a) à individualidade de cada um, reconhecendo o prazer como manifestação da vida e da sexualidade.

Pela tradição pedagógica institucional, centrada na família e escola, enfoca a infância como elementos autoritários. Assim conforme Nunes e Alves (2006, p.6).

Expressões como “o educador modela a criança como barro nas mãos do oleiro” ou ainda as afirmações categóricas incansavelmente repetidas de que “é preciso lapidar com a educação a natureza má e bruta”, estas são figuras de linguagem ou metáforas que revelam o estofo da cultura, e que aparecem em constantes lugares comuns, desvendando a forte ligação conceitual que perdura em nossas instituições, vinculando os pressupostos causais entre repressão e educação das crianças.

Por essas expressões, as instituições ainda se encontram cheias de dogmas restritivos em relação à Educação Infantil, um fato a refletir sobre esta questão é o olhar do educador (a) sobre estas afirmativas, ressaltando que o educador(a) deve ser um pesquisador dos dados históricos e da construção social de tais conceitos, assim há

uma constância na busca metodológica de um ensino renovado se tratando da sexualidade e condição da criança.

A escola, como instituição social, tem o dever de preparar o aluno para sua formação social através dos conhecimentos científicos, ou seja, de verdade lembrando que essa é uma etapa do processo, a outra parte destina-se à família, por isso a importância do trabalho conjunto, claramente mais significativo, onde todos saem ganhando.

Os parâmetros curriculares nacionais, no que se refere aos aspectos da orientação sexual, tratam, já na sua apresentação, a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde expressa desde cedo no ser humano, a partir disso percebe-se já o valor essencial da sexualidade, desta forma justifica-se a relevância de incluir a orientação sexual de forma transversal nos currículos. De acordo com os pcn (2000) entre as décadas de 70 e 80 as famílias apresentavam resistência às abordagens da orientação sexual na escola, porém nas décadas seguintes houve um reconhecimento maior da importância do tema na escola, pois a dificuldade de falar abertamente sobre o assunto era/é notável no ambiente familiar.

As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola. Essas práticas se fundamentam na ideia de que o tema deva ser tratado exclusivamente pela família. De fato, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de “cuidados” recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem são carregados de determinados valores associados à sexualidade que a criança aprende. (BRASIL, 2000,p. 112)

Pela tradição pedagógica institucional, centrada na família e escola, enfoca a infância como elementos autoritários. O trabalho deve ser realizado pela Educação Infantil, voltando-se para encaminhar a criança a interagir no espaço escolar desmistificando os tabus, promovendo autonomia da criança sem que nenhuma de suas ações seja repreendida. Sabemos que ainda há muitos caminhos a percorrer, impasses sociais, porém mesmo com tantas “polêmicas” sobre o tema não devemos ocultar as informações necessárias ao desenvolvimento infantil, a orientação deve ser ultrapassar para além da transversalidade do currículo. Portanto, não há uma receita pronta de como deve ser enfrentado essas situações, mas maneiras de um caminho ético pra si e para o

outro sempre as experiências contarão muito para uma melhor forma de abordar o conhecimento com os educandos.

Ao falar em sexualidade na escola infantil, precisa-se entender a importância de duas terminologias: a orientação sexual e educação sexual, essa última diz respeito a todos os acontecimentos na vida do indivíduo, a educação sexual vai estruturar nosso ser social e sexual, podendo ser aprendida nos espaços aos quais pertence, seja através família, igreja, livros, mídias etc., já a orientação sexual é um processo diário, ligada à intervenção pedagógica da escola, bem como às manifestações espontâneas das crianças no meio escolar, abrindo assim um espaço privilegiado de debate contínuo sobre a sexualidade infantil. O trabalho com a orientação sexual deve ajudar a criança de uma forma positiva, o professor (a) além de respeitar e ouvir atentamente o aluno deve colocá-lo na situação de um ser crítico e questionador, portanto o papel da orientação sexual na escola é contribuir para que a sexualidade seja vista com maturidade, equilibrada, sem constranger a aprendizagem significativa da criança.

A produção acadêmica sobre a sexualidade vem crescendo a cada ano graças às inquietações dos educadores quanto às dificuldades de encarar as manifestações da sexualidade no espaço escolar. E no âmbito da Educação Infantil pode ser um espaço formidável para articular os debates dessa temática na infância, esse desenvolvimento contribui na qualidade do ensino infantil, diminuindo os preconceitos e estereótipos, seja meninos ou meninas todos tem direito a sua sexualidade. No Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil verifica-se que a sexualidade é relevante para o desenvolvimento psíquico dos indivíduos, sendo relacionada ao prazer e entendida como algo presente desde o nascimento, influenciado pela cultura e história, assim vejamos o que é verificado a respeito da sexualidade na Educação Infantil:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com o prazer necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, é entendida como algo inerente, que está presente desde o momento do nascimento, manifestando-se de formas distintas segundo as fases da vida. Seu desenvolvimento é fortemente marcado pela cultura e pela história, dado que cada sociedade cria regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual dos indivíduos. A marca da cultura faz-se presente desde cedo no desenvolvimento da sexualidade infantil, por exemplo, na maneira como os adultos reagem aos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem em seu corpo. (BRASIL, 1998, p.17)

Desse modo a sexualidade não está relacionada só ao fator biológico, mas também a tudo voltado ao prazer, sendo constituída de acordo com cada sociedade, assim os adultos também terão formas diferentes na maneira de lidar com as curiosidades e questionamentos que as crianças fazem sobre o seu corpo. Este conceito é importante ser compreendido na Educação Infantil, uma vez que a relação da criança/educador (a) é muito forte, a criança tem mais liberdade de questionar e tirar suas dúvidas quanto à sua sexualidade.

O RCNEI ajuda na compreensão do professor (a) diante do processo amplo, cultural e inerente que é a sexualidade, este processo exige atitude dos educadores (as), podendo considerá-lo como um ponto central na formação continuada fornecendo subsídios para o crescimento pessoal e profissional.

Como a sexualidade é construída, aprendida e faz parte da personalidade da pessoa, ela também perpassa o desempenho do aluno e professor. A partir do olhar para si (o eu adulto/professor (a)) percebe-se que não é necessário saber tudo, mas manter-se consciente de seu papel de orientador, mantendo uma postura sincera, sem fingir neutralidade do assunto para encarar tal tema profundo e amplo. A preparação do educador é o ponto chave da questão, cursos, seminários, debates sobre a sexualidade dão um poder, assim como uma maior preparação/segurança a dialogar com pais, escola e aluno. Esta é uma tarefa difícil? Sem dúvidas, mas a recompensa vale a pena, o fato de poder proporcionar à criança uma aprendizagem sem culpas, medos, dando lugar a um caminho transparente, condizente com a verdade, respeitando o processo de vida da criança.

Procedimentos metodológicos

Todo tipo de pesquisa é importante para que ela possa revelar aspectos ou dimensões de uma realidade estudada. Para efeito desse estudo optei por uma pesquisa de caráter qualitativo, uma vez que possibilita uma maior apropriação dos resultados obtidos, não sendo desprezado o ponto de vista dos entrevistados e sim se analisou tais conceitos à luz de autores com discursos pertinentes à sexualidade na Educação Infantil, dando uma maior riqueza para a pesquisa, assim como afirma Meireles (2013, p.18)

Em síntese, pode-se afirmar que a pesquisa qualitativa nos permite conhecer a realidade de forma mais abrangente, prezando não pela quantidade das informações adquiridas, mas sim, pela sua qualidade, levando em consideração apenas as que vão de acordo com os objetivos da pesquisa, as que têm a ver com o tema estudado, sendo descartados os dados que não tem relevância e nem auxiliam na compreensão do tema ou realidade estudada.

Vale lembrar que se tratando de opiniões humanas, tem o maior respeito ético as suas concepções, o que se procura neste trabalho é levar uma contribuição para os educadores atuantes e os futuros do ensino infantil.

O estudo tem o objetivo de analisar as concepções de educadoras que atuam na rede privada do município de Campina Grande. A aplicação do questionário ocorreu ao longo do mês de novembro de 2013 e os sujeitos foram enumerados por uma sequência de 1 a 10.

Foram aplicados dez questionários, distribuídos em duas escolas de Educação Infantil da rede privada de ensino da cidade de Campina Grande – PB. Solicitou-se aos participantes que os mesmos respondessem às questões propostas no momento em que se entregou o questionário. Desta forma, buscava-se impedir que os participantes buscassem as respostas às questões em outras fontes e respondessem de forma fidedigna às mesmas.

A amostra foi composta por dez profissionais do sexo feminino, com idades entre 20 e 53 anos, com média de idade 34,7; com média de tempo de trabalho na área da Educação Infantil de 12,5 anos. 70% da amostra têm curso superior concluído e 30% está cursando Pedagogia. 50% das profissionais se declararam católicas e 50% evangélicas.

O questionário, além de questões como idade, religião, formação e tempo de atuação na área, foi composto por quatro questões concernentes ao tema.

Análise e discussão dos dados

A primeira questão abordava “O que é sexualidade”.

SUJEITO	
Sujeito 1	“Descoberta do corpo”
Sujeito 2	“Entendimento das mudanças do corpo”
Sujeito 3	“Entendimento de que os corpos de meninos e meninas são diferentes”
Sujeito 4	“Diferença de gênero”
Sujeito 5	“Sentimentos, comportamentos e desenvolvimento sexual. Muitas crianças são estimuladas a desenvolver sua sexualidade (trajando roupas curtas e danças sexuais)”.
Sujeito 6	“É a descoberta do sexo”.
Sujeito 7	“É o desenvolvimento sexual da criança”
Sujeito 8	“Descoberta do corpo pela criança”
Sujeito 9	“É um tema difícil de se trabalhar, pois aborda a intimidade das crianças e ao mesmo tempo tem que ser trabalhado. Sexualidade infantil diz respeito a criança conhecer seus órgãos e seu comportamento diante de pessoas estranhas”.
Sujeito 10	“É a fase da descoberta e das curiosidades das crianças com relação ao corpo e as suas diferenças”.

Como pode ser claramente percebido, todos os participantes da pesquisa associaram a ideia de sexualidade ao aspecto biológico, todas se referiram às mudanças percebidas no corpo pelas crianças. Sobre estas afirmações podemos ampliar o pensamento segundo Nunes; Silva

Nossa compreensão primordial fundamenta-se na ideia de que a sexualidade não é uma “parte” ou “complemento” da condição humana. Não se trata de uma dimensão secundária, vinculada às demais habilidades e potencialidades humanas. Ao contrário, entendemos que a sexualidade é uma marca única do homem, uma característica somente desenvolvida e presente na condição cultural e histórica do homem. Este homem é um ser sexuado. Assim, tudo o que faz ou realiza envolve esta sua dimensão de “ser sexuado”, isto é, de constituir uma sexualidade, uma significação e vivência da mesma, diversamente da determinação instintiva e primariamente animal e reprodutiva. A sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas. (2006, p.73)

Outro aspecto interessante é a fala do Sujeito 5, que considera que a sexualidade pode ser “despertada” pelos pais com o uso de roupas ou danças. Percebe-se aí que a sexualidade não é vista como algo inerente ao sujeito, mas como algo exterior e antinatural. O RCNEI (1998) apresenta que, do ponto de vista da criança, não é necessário que ela vivencie cenas ou representações sexuais para que ela explore a sexualidade, visto que a motivação para tal vem exclusivamente das curiosidades e desejos particulares, que integram um processo normal de desenvolvimento.

Importante ressaltar o aspecto do incômodo causado pela temática. O sujeito 9, especificamente, fala da dificuldade em lidar com o assunto, possivelmente devido ao despreparo. Observamos uma carência de discussão para uma melhor preparação dos professores, assim:

Necessitamos de espaço de estudos para profissionalizar cada vez mais os (as) educadores (as), proporcionando diálogo entre os (as) mesmos (as) gerando, assim, novas posturas e concepções acerca da educação e orientação sexual. Os espaços de diálogo podem surgir na própria escola, no momento em que as educadoras estiverem expondo as situações encontradas na sala de aula, em reuniões com pais de forma clara, bem fundamentada e planejada. (DANTAS, MEIRELES, 2010, p. 94).

A segunda questão indagava “O que você pensa sobre o trabalho com a temática sexualidade na Educação Infantil? Como e por quem deve ser feito?”.

SUJEITO	
---------	--

Sujeito 1	“Muito importante, pois ajuda no desenvolvimento do indivíduo, deve ser feito por profissionais preparados e pelos pais”.
Sujeito 2	“É preciso trabalhar a temática de forma natural”
Sujeito 3	“Muito do que as crianças aprendem sobre a sexualidade ocorre antes de entrar na escola, ou seja, com os pais. É preciso desenvolver a temática respeitando seus limites”.
Sujeito 4	“É de grande importância, pois desde pequenos as crianças já percebem as diferenças de gênero. Explicando com linguagem clara e adequada para a idade e se possível de forma lúdica por familiares e professores”
Sujeito 5	“É de fundamental importância. É no lar que a criança deveria ter sua 1ª educação sexual, continuando na escola com o professor (desde que esteja preparado para tal)”.
Sujeito 6	“De suma importância, porque às vezes começa exatamente nestas séries. Por psicólogo com conhecimento na área”.
Sujeito 7	“O trabalho com a temática não é fácil, pois requer muitos estudos. Deve ser um trabalho de professores e pais”
Sujeito 8	“É importante, devido à curiosidade das crianças e primeiras descobertas da sexualidade. Deve ser um trabalho conjunto entre escola e família”
Sujeito 9	“É importante, mas deve ser feito por um especialista”.

Sujeito 10	“É de suma importância trabalhar esta temática, desde que respeite o contexto e a individualidade de cada criança. Deve ser feito pela pedagoga, com apoio da psicóloga escolar”.
------------	---

Vejamos que todos consideram importante o trabalho com a temática na educação infantil, pois está ligado ao desenvolvimento, ao gênero e curiosidade da criança. Destaca-se que a grande maioria considera que o trabalho deve ser feito pela família e professores preparados.

Pais e educadores estão unidos pela mesma responsabilidade social de gerar, preparar, enquadrar e habilitar as novas gerações ao convívio e reprodução material e simbólica do grupo social a que pertencem. Nesta sua responsabilidade institucional é que radicam as formas de supostas alianças entre o saber sexual transmitido pela família e aquelas informações e padrões de reforço exigidos pela escola em sua conformação com as finalidades mais complexas da construção de comportamentos delimitados. (NUNES; SILVA, 2006 p. 113).

Os sujeitos 6 e 9 consideram que a sexualidade na Educação Infantil deve ser um trabalho realizado por um psicólogo ou especialista na área, na qual sabemos que não é necessário apenas um especialista, pois dentro da sala de aula quem está presente é o professor (a). Sayão (1997) trata que o trabalho com a orientação sexual deve ser feito ou iniciado com o profissional que se sinta disponível para tal, sendo que esse é um dos requisitos necessários, porém insuficientes, também não é necessário o profissional estar habilitado nas áreas biológicas; é claro que são necessários conhecimentos de anatomia do corpo humano, mas nada que não possa ser assimilado pelo próprio professor (a) que reconhece sua capacidade e conhece as questões dos alunos. Ainda segundo a autora é fundamental a preparação do profissional da educação em temas relacionados à sexualidade, dessa forma ela explica que “o educador interessado deve entrar em contato com as questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas e suas diversas abordagens, assim como ter acesso a um espaço grupal de supervisão do trabalho realizado”. Lembrando que cursos apenas teóricos não adentram as questões da sala de aula, é necessário perceber as dificuldades encontradas ao longo do percurso e buscar esse aporte teórico.

A terceira questão abordava “Quais as dificuldades no trabalho com esta temática?”.

SUJEITO	
Sujeito 1	“Professores não preparados”
Sujeito 2	“Preconceito com a temática”
Sujeito 3	“Despreparo do professor e preconceito”
Sujeito 4	“Professores não capacitados e falta de material ”
Sujeito 5	“Preconceito”.
Sujeito 6	“É como usar as palavras de forma correta e de compreensão para eles”.
Sujeito 7	“Fazer com que os pais colaborem com a escola quando tiver se tratando de sexualidade na educação infantil”
Sujeito 8	“è o modo de falar com a criança para que ela entenda”
Sujeito 9	“Uma das dificuldades é a aceitação dos pais para com o assunto e o preconceito entre as crianças”.
Sujeito 10	“1-preconceito; 2- Família; 3- A visão do educador com relação à situação; 4-Escola; 5- A criança – vítima ou aprendiz do processo”.

Ao observar as respostas, as maiores dificuldades são o despreparo e o preconceito, os sujeitos 6 e 8 preocupam-se com o modo de expressão de forma que as crianças entendam. Este trabalho, segundo Ribeiro (2009) pode ser integrado às atividades cotidianas, como na contação de histórias, na abordagem de outros conteúdos da sala, brincadeiras, jogos ou outras situações que possam ser aproveitadas, o objetivo da educação sexual na escola é contribuir para que futuramente a criança desfrute de sua sexualidade com prazer e responsabilidade, o que se constitui um exercício de

cidadania, na medida em que propõe o respeito de si, vinculado com o do outro, garantindo os conhecimentos fundamentais para a formação de cidadãos. Mais uma vez a formação continuada facilita nesses anseios do (a) professor (a), outro fato que pode sim ajudar é a construção de vínculos na Educação Infantil inicialmente ao chegar à escola, os vínculos são os familiares, a partir daí a criança vai construir um vínculo com seu educador, tendo-o como referência, e seus colegas.

Não fica esclarecido aqui o porquê do sujeito 10 apresentar como dificuldade “a criança vítima ou aprendiz do processo”, pois a sexualidade não se constitui como algo aprendido, mas inerente a qualquer ser humano como já foi visto nos Parâmetros Curriculares e o Referencial nacional para Educação Infantil.

A quarta questão abordava “Como é a relação da família a respeito deste tema na escola”.

SUJEITO	
Sujeito 1	“Sempre que é necessário falar a respeito, a família procura ajuda da escola, onde o tema deve ser orientado”.
Sujeito 2	“É difícil, tanto para a escola, ou seja, professor e família”
Sujeito 3	“Bastante difícil, tanto para a escola como para a família”.
Sujeito 4	“É de fundamental importância, pois o tema deve ser introduzido por eles e a escola ficar apenas para dar suporte, tirando possíveis dúvidas”.
Sujeito 5	“A parceria com a família é fundamental, pois a orientação sexual passa pelo diálogo e troca entre escola, família e comunidade”.
Sujeito 6	“Como mãe eu acho excelente, pois me sinto perdida às vezes para responder às perguntas dos meus filhos”.
Sujeito 7	“A família muitas vezes não está de acordo, mas é necessário explicar que esta é uma manifestação que uma hora ou outra vai ocorrer com a criança”.

Sujeito 8	“Muito difícil, pois às vezes os pais não entendem que a sexualidade faz parte do desenvolvimento infantil”.
Sujeito 9	“Muito estranho, pois os pais ainda não têm esta “cabeça aberta” para admitir este tipo de assunto para seu filho”.
Sujeito 10	“Conquistar a confiança da família e o diálogo diário são ferramentas necessárias para manter uma boa relação a respeito da temática em questão”.

Em síntese, as entrevistadas apontam que é difícil a relação família/escola quando se trata da sexualidade, devido aos pais não entenderem a importância do tema na escola infantil, porém não são em todos os casos, o sujeito 1 diz que quando necessário a família procura a escola, onde encontra orientação. Essa afirmação vai de encontro com que está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais que trata:

[...] a ação da escola como complementar à educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos de Orientação Sexual a proposta curricular e explicitar os princípios norteadores da proposta. O diálogo entre escola e família deverá se dar de todas as formas pertinentes a essa relação. (BRASIL, 2000, p.124)

Assim, também se pode perceber nas falas dos sujeitos 5 e 10 que a relação da família e escola é fundamental, permitindo um diálogo para manter uma boa relação e até uma troca de informações básicas a uma boa educação sexual da criança.

Considerações Finais

Buscou-se socializar as concepções de professoras juntamente com os dados obtidos baseados numa reflexão teórica, sendo essencial considerar que a criança já traz à escola valores e concepções de sexualidade pré-definidos, pois suas sensações nunca estão desvinculadas das dimensões culturais e sociais. Toda equipe escolar necessita desconstruir preconceitos e estereótipos sobre a sexualidade da criança, as informações colhidas e analisadas aqui procuraram levar aos educadores, em constante formação, a perceber que embora as dificuldades sejam inúmeras e outros temas ganhem prioridade, a sexualidade deve ser dos temas principais para Educação Infantil, ainda é preciso melhorar a compreensão sobre o que é sexualidade infantil, uma vez que esta não pode ser reduzida ao aspecto biológico, como foi considerado durante o estudo, pois ela é inerente a qualquer ser humano e influencia em vários aspectos psicossociais.

A questão essencial é basicamente como é tratada a temática na sala de aula, juntamente com a relação escola/família, esse processo se bem realizado trará benefícios para as crianças; por outro lado ambos têm que entrar numa espécie de acordo pela educação sexual da criança, há pais muito conservadores, que educam seus filhos através dos seus valores e cabe à escola respeitar tal fator e através do diálogo mostrar, fazendo até mesmo uma aula na presença deles, que a sexualidade da criança ocorre em situações diversas, reveladas nas experiências de prazeres que associam as impressões boas ou ruins ao longo da vida.

O educador tem grande importância em sua parte do processo, pois o mesmo não está isento dos valores, as crenças e os sentimentos dos seus alunos, a sexualidade estar presente em todas essas características, ela vem a partir do desejo e necessidade de cada um, percebendo que o papel social também faz parte desse cenário. Devemos compreender que a sexualidade da criança manifesta-se diferente do adulto, sendo que cada um tem suas singularidades, constituídas nas relações socioculturais que vão sendo ressignificadas a partir das transformações e desenvolvimento infantil.

A Educação Infantil torna-se um espaço produtivo e amplo para que, sem tabus, as crianças expressem o que pensam, desejam, reivindicam, dessa forma as explicações dadas devem ser objetivas, paralelamente com o tempo elas elaborarão as informações que acumularam e compreenderam o processo, surgindo novas dúvidas, cabendo aos pais e professores informar o necessário à criança, formando uma tríade família-aluno-educador para um terreno possível de diálogo.

Referências Bibliográficas

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9.394/96. 5ª ed. Brasília. Edições Câmara. 2010.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília. MEC/SEF.2000.

_____.Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**: formação pessoal e social. Brasília. MEC/SEF. 1998

DANTAS, Natasha. MEIRELES, Ana Karina Soares. Sexualidade Infantil: expressão do pensamento e de sentimentos. IN. MELO, Glória Mª Leitão de Souza. BRANDÃO, Soraya Mª Barros de Almeida. MOTA, Marinalva da Silva. (orgs). **Ser Criança**: repensando o lugar da criança na educação infantil. Campina Grande. EDUEPB. 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. 18ª ed. Rio de Janeiro. Graal. 1988.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaios Sobre a Sexualidade**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro. Imago. 1996.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na Sala de Aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte. Autêntica. 2011.

JÚNIOR, Luiz Pereira de Lima. Sexualidade e educação. IN. MACHADO, Charliton José dos Santos. SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima. NUNES, Maria Lúcia da Silva (orgs.). **Gênero e Práticas Culturais**: desafios e saberes interdisciplinares. Campina Grande. EDUEPB. 2010. 256p.

MEIRELES, Ana Karina Soares. A Percepção de Professores Sobre a Sexualidade Infantil. IN____. **A Sexualidade Infantil na Concepção de Professores de Creches Públicas**: manuscrito. Campina Grande. Biblioteca Central UEPB. 2013.p. 18

NUNES, César. SILVA, Edna. **A Educação Sexual da Criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas, SP. Autores Associados. 2006. (coleção polêmicas do nosso tempo).

RIBEIRO, Marcos. **Conversando Com Seu Filho Sobre Sexo**. São Paulo. Academia de Inteligência. 2009.

SAYÃO, Yara. Orientação Sexual na Escola: territórios possíveis e necessários. IN. AQUINO, Júlio Groppa. **Sexualidade na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo. Summus. 1997. pg. 97 a 116

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Sexo é uma coisa natural? A contribuição da psicanálise para o debate sexualidade/escola. IN. AQUINO, Júlio Groppa. **Sexualidade na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo. Summus. 1997. pg. 11 a 22.

APÊNDICE

Universidade Estadual da Paraíba
Departamento de educação
Curso de pedagogia
Questionário sobre sexualidade infantil.

Identificação

Nome _____

Idade _____

Religião _____

Formação _____

Tempo de trabalho _____

Turmas que leciona _____

1- O que é sexualidade infantil?

2- O que você pensa sobre o trabalho com a temática sexualidade na educação infantil? Como e por quem deve ser feito?

3- Quais as dificuldades de trabalho com essa temática?

4- Como é a relação da família a respeito deste tema na escola?
